

## **CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA AULA DE MÚSICA: DESAFIOS PARA UMA PARTICIPAÇÃO EFETIVA NO ESPAÇO ESCOLAR<sup>1</sup>**

Marcelo Lehmkuhl<sup>2</sup>, Sandra Mara da Cunha<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Vinculado à pesquisa “Crianças na aula de música: participação infantil na educação musical escolar”

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Música – CEART – Bolsista PROBIC

<sup>3</sup> Orientadora, Departamento de Música – CEART – sandra.cunha@udesc.br

Esta pesquisa de iniciação científica teve como objeto de estudo a inclusão de crianças com deficiência na aula de música, com o objetivo de refletir sobre os desafios para a participação dessas crianças na escola pública de educação básica.

Por participação compreende-se o direito que as crianças têm de terem suas vozes ouvidas e consideradas nas tomadas de decisão (ONU, 1989; BRASIL, 1990). No campo da Educação Musical, compreendemos que as crianças têm papel importante na composição de aulas que também lhes pertencem e que, para tal, envolve adultos atentos ao que dizem, sentem, pensam e expressam também por meio da música.

A investigação está sustentada na Educação Musical (CUNHA, 2020; LINO, 2008) em seus diálogos com a sociologia da infância (QVORTRUP, 2011; MARCHI, 2010), em estudos sobre inclusão (SCHAMBECK, 2017; LOURO, 2013; FRANCK, 2014) e criação em arte (OSTROWER, 1977).

A metodologia adotada foi a análise documental. O *corpus* da análise foi composto por 18 relatórios de estágios, escritos por 20 estudantes da Licenciatura em Música da Udesc. O período analisado foram relatos escritos no segundo semestre de 2019 e nos anos de 2020 e 2021. Dois dos relatos trouxeram aulas de estágios desenvolvidos no modo presencial e 16 deles foram sobre aulas de música realizadas em modo emergencial remoto devido à pandemia do SAR-CoV-19.

Na leitura do material, crianças com deficiências distintas foram relatadas em apenas quatro dos relatórios que compuseram o *corpus* desta pesquisa. Um dos relatos abordou estágio presencial realizado em 2019, e fez menção a uma criança com autismo severo que ficava à parte na aula e não interagia com as colegas, sem que lhe tivesse sido oferecido qualquer material adaptado. Os outros três relatórios trouxeram estágios desenvolvidos no período da pandemia. O primeiro deles relatou a presença de uma criança com deficiência auditiva na aula de música, mas não apontou se algum trabalho foi realizado com ela. Ao nos debruçarmos sobre a parte do relatório dedicada aos planos de aula, pudemos supor que isso não aconteceu por não encontrarmos nenhum dado sobre adaptação de material ou qualquer reflexão sobre elaboração de conteúdo voltado para a inclusão desta criança. O segundo relato afirmou a presença de duas crianças com deficiência, sem especificar qual, que tomavam medicação especializada. Porém, elas não foram envolvidas nas atividades, visto que raramente frequentavam as aulas, e quando apareciam, não ligavam as câmeras e nem os microfones. O último relatório mencionou uma criança com deficiência com CID desconhecido, reprovada pelo número de faltas. Ainda de acordo com o relato, a escola onde foi realizado o estágio entrou em contato com os pais desta criança, mas não tiveram retorno.

Na análise deste cenário, pudemos observar a existência de uma barreira anterior à participação, que afeta tanto o desempenho como a visibilidade dessas crianças no ambiente escolar. As aulas em modo emergencial remoto não puderam ser acessadas por muitas crianças e, do ponto de vista das plataformas de ensino, não foi previsto modos de promover a participação e a inclusão de crianças com deficiência. Também foi possível notar a exaustão e pouca compreensão por parte dos professores sobre esse modelo de aulas e possibilidades de incluir ou trazer essas crianças de maneira mais ativa para o ambiente da sala de aula virtual. Como teria sido fazer música com essas crianças neste formato de ensino? Essa lacuna, que não é só consequência do modo remoto mas que se agravou com ele, nos levou a pensar no quanto teria sido importante visibilizar e escutar crianças que não têm sido ouvidas e desconsideradas nas aulas em formato remoto, ou naquelas que não chegaram a ter o devido acesso à internet para conseguir se conectar às aulas. Estas questões sugerem que as crianças e suas particularidades, com a noção da diversidade que existe entre elas, foram constantemente ignoradas durante a pandemia, tornando-se ainda mais invisíveis durante estes dois anos de pandemia.

Como resultados da pesquisa, afirmamos a urgência de mais reflexões sobre a participação de crianças com deficiência nas aulas de música, pois pensar a participação significa ampliar a compreensão do conceito de inclusão, ao permitir e explorar possibilidades de um ambiente em que todas as crianças podem exercer seu direito de serem ouvidas e levadas a sério. A participação infantil, voltada para a inclusão, é fundamental para pensar outros parâmetros sobre as diferenças existentes entre crianças e para mudar pré-conceitos acerca do que podemos tratar como “normal” e sobre como é possível criar uma estrutura que permita que indivíduos que confrontam esta noção tenham oportunidade de manifestar sua perspectiva sobre a realidade de vidas marcadas pela exclusão e pelo silenciamento.

**Palavras-chave:** Participação infantil. Inclusão. Estágios.